



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

MULHERES NEGRAS E A LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA

Maria Aparecida de Souza Guimarães
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil
Endereço eletrônico: maparecidaguimaraes@yahoo.com.br

Jorge Augusto Alves da Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: adavgvstvm@gmail.com

INTRODUÇÃO

A história recente do Brasil caracteriza-se pela busca da identidade e dos papéis dos agentes envolvidos na formação da variedade de língua à qual se convencionou chamar de Português Popular (SILVA, 2005). Neste trabalho, abordam-se numa perspectiva Sócio-histórica (MATTOS E SILVA, 2004) visões acerca da mulher negra na formação da língua brasileira, especialmente no seu papel propagador (ou vetor) de uma variedade de língua resultante de uma simplificação de estruturas. Nesse caminhar, destaca-se uma pergunta central: qual o papel dos africanos e de seus descendentes na formação da Língua Portuguesa do Brasil? A resposta a essa pergunta pode vir de diversos lugares, mas escolheu-se para este trabalho a resposta que vem da Literatura, especialmente aquela que se dedicou a retratar a brasilidade.

Curiosamente, no Brasil, o sistema de sujeição a que certa parte da população foi submetida criou um grupo de pessoas especializadas na formação inicial dos filhos das classes privilegiadas. As lexias “mucama”, “ama de leite” e “ama seca” dão conta dessa realidade gravada em nossa história que pode se assemelhar a outras realidades, mas que no Brasil possui contornos singulares.

Para elucidar a questão é necessário adentrar em dois conceitos linguísticos basilares: a *vernaculidade* e a *língua-materna*. Inicialmente, o termo *vernaculus*, -a, -um referia-se tão somente ao escravo doméstico, nascido na casa do senhor (SARAIVA, 1896, p.1266). Desse sentido primeiro, passou a designar aquilo que é de trato doméstico

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

ou que é próprio da casa. Tal acepção levou à crença de que o vernáculo representaria os valores autênticos (do grego *αὐτός*) de um grupo linguístico, donde decorre o uso do termo “língua vernácula”. Qual seria, então, a língua vernácula daqueles que constituem a base da pirâmide social brasileira? O segundo conceito está diretamente relacionado ao primeiro, já que a língua-materna refere-se à língua ou variedade de língua usada pelo indivíduo desde o nascimento: A língua usada no lugar e ou na comunidade.

Assim, nossa reflexão pauta-se na análise do contexto sócio-histórico brasileiro, tomando por *corpus* extratos de textos da literatura canônica com o qual procura-se demonstrar a percepção que intelectuais brasileiros tiveram ao interpretarem o papel dos africanos e seus descendentes na história social do Português Popular do Brasil.

METODOLOGIA

Houve uma fase da Sociolinguística, tempos heroicos, em que ela procurou desvelar os fenômenos em variação no Português do Brasil, apresentando uma metodologia quantitativa, alicerçada em forte aparato estatístico. A história do “fundador” da Sociolinguística Quantitativa, um químico de formação, explicaria essa aproximação entre a Sociolinguística e as análises quantitativas. Vencida essa fase, estudiosos passaram a questionar a pouca eficiência de um modelo tão matemático para explicar meandros do comportamento linguístico. Assim, a Sociolinguística Qualitativa, mesmo vista por alguns como “abordagem” (BAGNO, 2017), desponta como via de acesso para que os fenômenos em variação e mudança também possam ser interpretados com a utilização de outros recursos como, *in casu*, textos escritos, inclusive os literários. Tal leitura soma-se à crença de que após a *École des Annales* as fontes históricas ampliam-se e atingem partes que outrora não eram consideradas de alto valor científico para sua utilização. Desse feito, recorrer-se à literatura e dela retirar elementos que possam comprovar hipóteses é, em nossos tempos, um caminho trilhado pela Sociolinguística Qualitativa. Para tanto, são examinadas três fontes tais:

1. Menino de Engenho (1972) de José Lins do Rego. Foi a primeira obra escrita por José Lins do Rego, na qual o autor fez um retrato da decadência dos canaviais nordestinos. Levado a morar com o avô materno, após trágica morte



da mãe, o menino passa a conviver com realidades diferentes do ambiente urbano a que estava acostumado. A nova casa está repleta de personagens femininas, negras, com as quais o menino não só toma conhecimento, mas desenvolve percepções. O protagonista é testemunha de uma realidade comum ao interior do nordeste e da realidade que cerca o povo brasileiro;

2. Casa Grande Senzala (1933) de Gilberto Freyre. Obra reconhecida por seu cunho sociológico apresenta visões e impressões acerca dos africanos e de seus descendentes na formação e consolidação da cultura, da sociedade e porque não da variedade de língua falada no Brasil. Para esta análise, retirou-se um excerto de uma observação feita pelo autor acerca do papel das mulheres negras na construção do português do Brasil.
3. Carta (1926) de Silva Ramos. Silva Ramos escreveu vasta obra de valor folclórico sobre as diversas realidades do povo brasileiro. Sua arguta observação fê-lo produzir textos que permite ao leitor especializado ter percepções dos agentes formadores do Português Popular do Brasil. Para esta análise, retirou-se um excerto de uma carta enviada por ele a seu colega Laudelino Freire (1873 – 1937).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Envolve os autores estudados (Lins do Rego, Freyre e Silva Ramos), como nos ensina Marcos Napolitano (2016), um ar de ebulição, em que diversas tendências político-ideológicas (autoritarismo cientificista, liberalismo, esquerdismos e fascismo) são vistas no cenário nacional. No entanto, sobre todas essas tendências (NAPOLITANO, 2016) e erguem-se vozes de minorias que vão à luta e os homens de cada tempo refletem suas impressões sobre esse novo momento.

Destarte, três visões podem ser sinalizadas.

A primeira relaciona as mulheres negras como agentes a construírem valores domésticos, vernáculos e, portanto, caracterizadores da realidade cultural brasileira. Isso se vê em excertos de Menino de Engenho em que personagens como Tia Galdina e Maria Gorda, ambas caracterizadas pelo autor como “negras”, são descritas em suas origens e em seus papéis sociais na comunidade de fala e de prática. A personagem principal afirma sobre a personagem Tia Galdina: “Eu vivia em conversa com ela, atrás das suas histórias da costa da África”. O menino – então em formação – ouvia histórias de uma negra vinda de África e que chegara ao Brasil, assumindo o português como língua



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

segunda, já que viera ainda bem pequena para a costa brasileira. A segunda mulher a que o autor se refere é Maria Gorda. A primeira impressão que nos passa é que ela se caracterizaria como aquilo que se convencionou de chamar de “boçal”, termo outrora empregado para os negros africanos que não aprenderam a falar português. Maria Gorda e Tia Galdina estão em polos opostos da percepção da personagem principal. A primeira encarnava o medo da comunidade. A segunda, o respeito e a admiração. A respeito de Maria Gorda a personagem esclarece acerca de uma posição sociolinguística dentro da comunidade: “Ela não sabia falar, articulava uma meia-língua.” (REGO, 1972).

A obra de Freyre apresenta uma visão mais geral do papel das mulheres negras na formação da variante popular do Português do Brasil, segundo o autor:

A ama negra fez muitas vezes com as palavras o mesmo com que a comida: machucou-a, tirou-lhes as espinhas, os ossos, as durezas, só deixando para a boca do menino branco as sílabas moles. Daí o português do menino que no norte do Brasil, principalmente, é uma das falas mais doces desse mundo. Sem os rr nem ss; as sílabas finais moles; palavras que só faltam desmanchar na boca da gente (FREYRE, 1933, p. 331).

Estamos diante de um contexto em que Freyre (1933) para falar sobre aspectos voltados à língua, questões poéticas postas à parte, traz à tona a presença de uma mulher, de uma mulher negra, a que sabe narrativas, sabe contar histórias, por isso, akapalô – aquela mulher que cuida da criança, do senhorzinho branco. De forma poética, Freyre descreve um processo que a Sociolinguística considera como a simplificação ocorrida na aprendizagem imperfeita de uma língua por aloglotas que precisam usar essa língua como “código” de emergência. A mulher negra descrita por Freyre, em termos sociolinguísticos, seria o vetor de alterações e simplificações no Português.

A terceira realidade que se vê é a menina cuja história breve é narrada por Silva Ramos:

Por isso me julguei autorizado, há dias, a chamar à ordem uma negrinha que conduzia pela mão uma criança, a quem ia estimulando com estes dizeres. “Nós *vai na* casa de D. Firmina, que há muito tempo não *vê ela*”. É ainda por desgarres desta natureza que me vejo compelido, uma vez por outra, por dever de ofício, a inabilitar algum candidato a exame

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

de português. [destaque do autor] (RAMOS *apud* PINTO, 1977, p. 448).

Sem rasgos poéticos, Ramos atua como aquele que vê na fala de menina um “desserviço” para a Língua Portuguesa. Vê-se que é dentro do espaço da urbanidade aquelas formas, julgadas inapropriadas, devem ser expurgadas do meio do homem comum. Ainda, o próprio autor reconhece que as construções utilizadas pela “negrinha” não se restringem àquela situação em específico, o que demonstra que tais usos, *recremináveis*, parecem se estender e se materializam na menina, porque, pode-se inferir, tal forma de falar retrata aqueles que falantes do português popular não têm ou não tiveram contato com a escola e, quando passou a ter, trazem consigo as marcas de oralidade de apontam para a formação de seu vernáculo.

CONCLUSÃO

O papel da mulher na construção, na consolidação e na propagação da variedade da língua portuguesa dita popular foi alvo de análise neste trabalho. Nele se mostrou que a percepção sobre a atuação da mulher negra, *in casu*, pode ser vista em três momentos: da propagação cultural, da alteração estrutural e da manutenção dialetal. Tais momentos, mulher negra e que pode ser explicada pela Sociolinguística em sua vertente Qualitativa.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística; Sócio-história; Português Popular.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. **Dicionário crítico de sociolinguística**. São Paulo: Parábola, 2017.
- FREYRE, G. Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 20. ed. Rio de Janeiro: Schmidt-Editor, 1933.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MATTOS E SILVA, R. V. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.
- NAPOLITANO, M. **História do Brasil República**: da queda da monarquia ao fim do estado novo. São Paulo: Contexto, 2016.

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

SARAIVA, F. R. dos S. **Novissimo dicionario latino-portuguez**. 2.ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1896.

SILVA, J. A. A. da. **A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do Estado de Bahia**. 2005. 323 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

NAPOLITANO, M. **História do Brasil: República**. São Paulo: Contexto, 2016.

REGO, J. L. do. **Menino de Engenho**. São Paulo: José Olympio, 1972.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco; posfácio de Maria da Conceição A. de Paiva, Maria Eugênia Lamoglia Duarte. São Paulo: Parábola, 2006.

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO